

a chegada das trevas
como os cristãos destruíram
o mundo clássico
catherine nixey

Tradução de Pedro Carvalho e Guerra

*Para T,
por decifrar a minha letra.*

ÍNDICE

Um Começo	13
Prólogo	15
Um Fim	19
Introdução	21
Capítulo Um	35
Capítulo Dois	45
Capítulo Três	59
Capítulo Quatro	83
Capítulo Cinco	97
Capítulo Seis	115
Capítulo Sete	123
Capítulo Oito	135
Capítulo Nove	155
Capítulo Dez	169
Capítulo Onze	187
Capítulo Doze	199
Capítulo Treze	219
Capítulo Catorze	229
Capítulo Quinze	241
Capítulo Dezasseis	257
Agradecimentos	275
Lista de Ilustrações	277
Bibliografia	297
Índice Remissivo	323





UM COMEÇO

PRÓLOGO

PALMIRA, C. 385 D.C.

«Não há crime para os que têm Cristo.»
São Shenoute

Os destruidores vieram do deserto. Palmira devia estar à sua espera: durante anos, bandos saqueadores de fanáticos de barba e túnicas negras, armados com pouco mais do que pedras, barras de ferro e um sentido férreo de justiça tinham vindo a aterrorizar o leste do Império Romano.

Os seus ataques eram primitivos, brutais, e muito eficazes. Estes homens moviam-se em matilhas — mais tarde em enxames de até quinhentos elementos — e quando surgiam seguia-se-lhes a absoluta destruição. Os seus alvos eram os templos, e os ataques podiam ser espantosamente rápidos. Grandes colunas de pedra que se erguiam há séculos caíam numa só tarde; estátuas que se haviam erguido durante meio milénio viam de súbito os seus rostos mutilados; templos que haviam assistido à ascensão do Império Romano caíam num só dia.

Era um trabalho violento, mas de modo algum solene. Os fanáticos rugiam com as suas gargalhadas, enquanto agrediam as estátuas «más», «idólatras»; os fiéis escarneciam enquanto derrubavam templos, arrancavam telhados e desfiguravam túmulos. Surgiam cânticos que imortalizavam estes momentos gloriosos. «Estas coisas vergonhosas», cantavam os peregrinos orgulhosamente; os «demónios e ídolos [...] o nosso bom Salvador a todos espezinhou».¹ O fanatismo raramente gera boa poesia.

Nesta atmosfera, o templo de Atena² em Palmira era um alvo óbvio. O elegante edifício era uma celebração de tudo o que os crentes odiavam: uma monumental censura ao monoteísmo. Atravessadas as suas enormes portas, era necessário esperar um momento até os olhos, depois da luminosidade do sol sírio, se ajustarem à fria obscuridade do interior. À medida que o faziam, talvez sentissem o ar pesado com o forte cheiro a fumo do incenso, ou talvez reparassem que a pouca luz que existia provinha da miscelânea de lâmpadas ali deixadas pelos fiéis. Olhariam para cima e, sob a sua luz tremeluzente, teriam visto a grande figura de Atena.

O perfil elegante, altivo, da sua estátua estava longe da cidade de

¹ Cântico dos peregrinos coptas, citado em Kristensen (2013), 85.

² Em Palmira, a deusa foi associada à divindade local Allat, para se tornar «Atena-Allat».

Atenas, de onde a deusa provinha, mas esta era imediatamente reconhecível, com o seu nariz grego, a pele de mármore translúcido e os lábios cheios, num leve beicinho. A dimensão da estátua — era muito mais alta do que qualquer homem — também devia ser impressionante. No entanto, a escala da infraestrutura imperial e da ambição que levava até ali aquele objeto talvez fosse ainda mais admirável do que a escala física. A estátua fazia eco de outras que se erguiam na Acrópole de Atenas, a mais de mil e quinhentos quilómetros de distância; esta versão em especial tinha sido criada numa oficina a centenas de quilómetros de Palmira, transportada e seguida para ali com dificuldades e despesas consideráveis, de modo a criar uma pequena ilha de cultura greco-romana junto às areias do deserto sírio.

Ter-se-ão os destruidores apercebido disto, ao entrarem? Terão ficado, ainda que fugazmente, impressionados com a sofisticação de um império capaz de extrair, esculpir e transportar o mármore através de tão vastas distâncias? Terão eles, nem que fosse por um momento, admirado a perícia necessária para criar uma boca de aspeto suave, que apetece beijar, com o mármore duro? Ter-se-ão, nem que fosse por um segundo, maravilhado com a sua beleza?

Aparentemente, não. Pois, quando entraram no templo, os homens pegaram numa arma e atacaram a parte de trás da cabeça de Atena com um golpe, tão violento, que decapitaram a deusa. A cabeça caiu ao chão, perdendo o nariz, esmagando as faces outrora suaves. Os olhos de Atena, intocados, espreitavam de um rosto agora desfigurado.

A mera decapitação não foi suficiente. Seguiram-se mais golpes, tirando o escalpe a Atena, arrancando o elmo da cabeça da deusa, partindo-o em pedaços. Seguiram-se mais golpes. A estátua tombou do seu pedestal, depois os braços e os ombros foram cortados. O corpo foi deixado sobre a terra, de barriga para baixo; o altar próximo foi arrancado logo acima da base.

Só então estes homens — estes cristãos — se sentiram satisfeitos, pois o seu trabalho estava terminado. Voltaram a desaparecer no deserto. Atrás deles, o templo caiu no silêncio. As lâmpadas votivas, de quem já ninguém cuidava, apagaram-se. No chão, a cabeça de Atena começou, lentamente, a ser coberta pelas areias do deserto sírio.

O «triumfo» do Cristianismo tinha começado.

UM FIM

INTRODUÇÃO

ATENAS, 532 D.C.

«Vemos as mesmas estrelas, o céu é partilhado por todos,
o mesmo mundo nos rodeia. Que importa a sabedoria
que uma pessoa usa para procurar a verdade?»

Símaco, autor «pagão»

«Que toda a superstição de pagãos e ateus seja aniquilada
é o que Deus quer, o que Deus ordena, o que Deus proclama.»

Santo Agostinho

Deviam ser um grupo melancólico. Em 532 a.C., um bando de sete homens partiu de Atenas, levando consigo pouco mais do que obras de filosofia. Todos eles eram membros da que fora, outrora, a mais famosa das escolas filosóficas da Grécia, a Academia. Os filósofos da Academia faziam remontar a sua história, orgulhosamente, a uma linha ininterrupta — uma «cadeia dourada»³, como lhe chamavam — até ao próprio Platão, quase mil anos antes. Agora, essa cadeia estava prestes a ser quebrada, do modo mais dramático possível: estes homens estavam a abandonar não apenas a sua escola, como também o Império Romano. Atenas, a cidade que testemunhara o nascimento da filosofia ocidental, já não era lugar para filósofos.

O seu líder, Damáscio, ter-lhes-á servido de algum conforto quando se lançaram naquela viagem para o desconhecido. De acordo com os padrões da época, ele era velho, idoso até — tinha quase setenta anos quando a viagem começou — mas era formidável. Damáscio era um pensador brilhante, densamente subtil, que apimentava os seus escritos com analogias matemáticas — e não tinha grande paciência para idiotas. Escreveu um mordaz «quem é quem» acerca dos seus companheiros filósofos, repleto de comentários esmagadores acerca de todos aqueles cuja inteligência ou coragem considerava escassa. Na vida, podia ser tão pouco moderado quanto nos seus escritos: certa vez quase morrera afogado num rio quando, demasiado impaciente para esperar por um barqueiro que o transportasse para a outra margem, decidira atravessar a nado e quase fora arrastado.

Muitos dos maiores riscos que Damáscio correu eram-no ao serviço da sua amada filosofia. Já abrigara em sua casa um filósofo procurado, embarcara em perigosas viagens por milhares de quilómetros através do desconhecido, e enfrentara o risco de tortura e encarceramento. Homem algum, sentia, devia fazer menos do que isso. «Os homens tendem a atribuir o nome de virtude a uma vida de inatividade», escreveu certa vez, com desdém. «Mas não concordo [...] os eruditos, que se sentam no seu canto e filosofam demoradamente, de um modo grandioso, acerca da

³ Athanassiadi (1993), 4; Marino, *Life of Proclus*, 26.

justiça e da moderação, desonram-se absolutamente, caso sejam impelidos a agir.»⁴

Não era tempo de um filósofo ser filosófico. «O tirano»⁵, como lhe chamavam os filósofos, mandava e tinha muitos hábitos alarmantes. No tempo de Damáscio, as casas eram invadidas e vasculhadas em busca de livros e objetos considerados inaceitáveis. Quando encontrados, eram levados e queimados em fogueiras triunfantes nas praças das cidades. A discussão de questões religiosas em público fora rotulada de «audácia condenável» e proibida por lei.⁶ Todos os que realizassem sacrifícios aos velhos deuses podiam, de acordo com a lei, ser executados. Por todo o império, templos antigos e belos haviam sido atacados, os seus telhados arrancados, os seus tesouros derretidos, as suas estátuas destruídas. Para garantir que as suas regras eram seguidas, o governo começou a usar espões, funcionários e informadores para saber o que se passava nas ruas e mercados das cidades e por trás das portas fechadas, nas casas particulares. Como diria um influente orador cristão, a sua congregação deveria caçar os pecadores e impeli-los para o caminho da salvação tão implacavelmente quanto um caçador persegue a presa até às suas redes.⁷

As consequências do incumprimento das regras podiam ser graves, e a filosofia tornara-se uma demanda perigosa. O irmão de Damáscio fora preso e torturado de modo a revelar os nomes de outros filósofos, mas tinha, como registava Damáscio com orgulho, «recebido em silêncio e com força de espírito os muitos golpes do látigo que lhe acertaram nas costas».⁸ Outros elementos do círculo de filósofos de Damáscio haviam sido torturados; pendurados pelos pulsos até revelarem os nomes dos seus camaradas académicos. Um outro filósofo tinha, alguns anos antes, sido esfolado vivo. Outro tinha sido espancado perante um juiz, até o sangue lhe correr pelas costas.

O «tirano» selvagem era o Cristianismo. Quase desde os primeiros anos em que um imperador cristão assumiu o poder em Roma, em 312 d.C., as liberdades começaram a desaparecer. E depois, em 529 d.C., abatera-se sobre eles um derradeiro golpe. Foi decretado que todos os que trabalhavam «sob a insanidade do paganismo» — por outras palavras, Damáscio e os seus companheiros filósofos — não mais poderiam ser autorizados a ensinar.

⁴ PH, 124.

⁵ PH, 117C; Olympiodorus, *Commentary on the First Alcibiades*, citado em Cameron (1969), 15.

⁶ C. Th., 16.4.4.2, datado de 16 junho 388.

⁷ AGT.

⁸ PH, 119.

Pior ainda: foi igualmente anunciado que todos os que ainda não tinham sido batizados deviam avançar e dar-se a conhecer, de imediato, nas «igrejas santas», ou enfrentariam o exílio.

Se alguém permitisse o batismo e, depois, deslizesse de novo para os seus modos pagãos, seria executado.

Para Damáscio e os seus companheiros filósofos, era o fim. Não podiam adorar os seus deuses antigos. Não podiam ganhar dinheiro. Acima de tudo, agora não podiam ensinar filosofia. Durante algum tempo, permaneceram em Atenas e tentaram ganhar a vida. Em 532 d.C., compreenderam, por fim, que tal não lhes seria possível. Tinham ouvido dizer que no leste havia um rei que era, também ele, um grande filósofo. Decidiram que seria esse o seu destino, apesar dos riscos de uma tal viagem. A Academia, a maior e mais famosa escola do mundo antigo — talvez de sempre — uma escola cuja história remontava há quase um milénio, fechada.

É impossível imaginar como deve ter sido dolorosa a viagem através de Atenas. À medida que avançavam, iam percorrendo as mesmas ruas e praças onde os seus heróis — Sócrates, Platão, Aristóteles — haviam caminhado e trabalhado e discutido. Veriam nelas milhares de sinais de que esses célebres tempos haviam desaparecido. Os templos de Atena estavam fechados, em ruínas, e muitas das estátuas brilhantes que outrora neles se haviam erguido tinham sido desfiguradas ou removidas. Nem mesmo a Acrópole escapara: a sua enorme estátua de Atena fora derrubada.

A maior parte dos escritos de Damáscio perderam-se, mas restam algumas frases ocasionais; sem dúvida suficientes para percebermos os seus sentimentos. Todo o seu modo de vida, escreveu, estava a ser «levado pela torrente».⁹ Os escritos de um outro autor grego de alguns anos antes mostram um desespero semelhante. Somos, escreveu, «homens reduzidos a cinzas [...] pois hoje está tudo virado de pernas para o ar». Num outro epigrama sombrio, este mesmo poeta angustiado perguntava: «Não será verdade que estejamos todos mortos e só pareçamos viver, nós, os gregos [...] Ou estaremos vivos e foi a vida que morreu?»¹⁰

Quando as histórias modernas descrevem este período, este tempo em que todas as velhas religiões desapareceram e o Cristianismo se tornou, enfim, preeminente, tendem a chamar-lhe o «triunfo do Cristianismo». Vale a pena recordar, contudo, o significado romano original da palavra «triunfo».

⁹ PH, 42.

¹⁰ Palladas, 10.90 e 10.82.

Um verdadeiro triunfo romano não era apenas uma questão de vitória do vencedor.¹¹ Tratava-se da subjugação total e absoluta do perdedor. Num verdadeiro triunfo romano, o lado perdedor era exibido pelas ruas da capital, ao passo que o lado vencedor olhava do alto para um inimigo cujos soldados haviam sido massacrados, cujos bens haviam sido pilhados e cujos líderes haviam sido humilhados.

Um triunfo não era apenas uma «vitória». Era uma aniquilação.

Pouco do que é abordado neste livro é bem conhecido fora dos círculos acadêmicos. Não era, sem dúvida, algo que eu conhecesse, enquanto crescia no País de Gales, filha de uma antiga freira e de um antigo monge. A minha infância foi, como seria de esperar, bastante religiosa. Íamos à igreja todos os domingos, dizíamos a oração de Graças antes das refeições e eu dizia todas as minhas orações (ou pelo menos a lista de pedidos, que eu considerava serem a mesma coisa) todas as noites. Quando os familiares católicos nos visitavam, representávamos cenas não de filmes, mas da Primeira Comunhão e, por vezes, da comunhão em si. Um pecado terrível (e uma brincadeira pouco divertida) era, pelo menos, uma oportunidade de obter um pouco mais de sumo de amora junto dos adultos.

Houve, portanto, muito Deus, ou pelo menos muito Catolicismo, na minha infância. Mas apesar de terem passado, entre os dois, vinte e seis anos entre as paredes dos mosteiros, a fé dos meus pais nunca foi dogmática. Se perguntasse acerca das origens do mundo, era mais provável que me falassem do Big Bang do que do Génesis. Se perguntasse de onde vinham os humanos, era mais provável que me falassem da evolução do que de Adão. Não me lembro, enquanto criança, de alguma vez ter posto em causa a existência de Deus — mas também me lembro de, durante a adolescência, me sentir bastante confiante de que Ele não existia. A fé que tinha morrera, e os meus pais ou não se aperceberam ou não se preocuparam. Desconfio que, algures entre o mosteiro e o mundo, também a sua fé havia morrido.

O que nunca, nunca morreu na nossa família, contudo, foi a fé dos meus pais no poder educativo da Igreja. Em criança, ambos haviam sido ensinados por monges e freiras; e, enquanto monge e freira, ambos se

¹¹ Os critérios exatos para um triunfo variavam; a necessidade de milhares de mortos fez, durante algum tempo, parte deles. Decidir quando fora ganho um triunfo era uma forma de arte, mais do que uma ciência. Ver Beard (2007).

dedicaram ao ensino. Acreditavam, como se de um artigo da fé se tratasse, que a Igreja que havia iluminado as suas mentes era a que havia iluminado, na história distante, toda a Europa. Foi a Igreja, disseram-me, que manteve vivos o latim e o grego do mundo clássico nas trevas da Idade Média, até poderem ser recuperados pelo mundo em geral, no Renascimento. Durante as férias, visitávamos museus e bibliotecas onde se afirmava o mesmo. Enquanto criança, fitava o ouro resplandecente dos manuscritos iluminados e acreditava numa iluminação mais metafórica em tempos de escuridão intelectual.

E, de certo modo, os meus pais tinham razão em acreditar nisso, pois era verdade. Os mosteiros preservaram muito do conhecimento clássico.

Mas estava longe de ser toda a verdade. De facto, esta narrativa apelativa obscureceu quase por inteiro uma história anterior, bem menos gloriosa. Pois, antes de preservar, a Igreja destruiu. Num acesso de destruição nunca antes visto — e que chocou muitos não-cristãos que o testemunharam — durante os séculos IV e V d.C., a Igreja cristã demoliu, vandalizou e derreteu uma quantidade absolutamente espantosa de obras de arte. As estátuas clássicas foram derrubadas dos seus plintos, desfiguradas, profanadas e despedaçadas. Os templos foram arrasados até às fundações e completamente incinerados. Um templo amplamente considerado como o mais magnífico de todo o império foi completamente arrasado. Muitas das esculturas do Pártenon foram atacadas, os seus rostos mutilados, as mãos e os membros decepados e os deuses decapitados. Algumas das mais belas estátuas de todo o edifício foram, quase de certeza, arrancadas e transformadas em entulho, posteriormente usado na construção de igrejas. Os livros — frequentemente armazenados em templos — sofreram terrivelmente. O que restava da maior biblioteca do mundo antigo, uma biblioteca que guardara, outrora, talvez cerca de setecentos mil volumes, foi assim destruído pelos cristãos. Passar-se-ia mais de um milénio até que qualquer outra biblioteca se aproximasse de tal coleção. As obras dos filósofos censurados foram proibidas e as fogueiras ardiam por todo o império enquanto os livros proibidos eram consumidos pelas labaredas.

Por dramático que tudo isto tenha sido, a negligência, pura e simples, provocou uma destruição muito maior. Nas suas silenciosas salas de cópia, os monges preservaram muito, mas perderam ainda mais. A atmosfera podia ser violentamente hostil aos autores não-cristãos. No silêncio em que os monges trabalhavam, eram usados gestos para solicitar certos livros: palmas abertas e o gesto do virar de página significava que um monge desejava

que lhe fosse passado um livro de salmos, e por aí fora. Os livros pagãos eram solicitados através de um gesto de asfixia.¹²

Não é de surpreender que as obras destes autores desprezados tenham sofrido. Num tempo em que o pergaminho era escasso, muitos autores antigos foram simplesmente apagados, raspados para que as suas páginas pudessem ser usadas para temas mais elevados. Os palimpsestos — manuscritos em que um manuscrito foi raspado (*psao*) para escrever outra vez (*palin*) — oferecem vislumbres dos momentos em que estas obras antigas desapareceram. Uma última cópia do *De re publica* de Cícero foi apagada para poder receber os Salmos de Santo Agostinho. Uma obra biográfica de Séneca desapareceu sob mais uma cópia do Antigo Testamento. Um códice com as histórias de Salústio foi raspado para criar espaço para mais São Jerónimo. Outros textos antigos foram perdidos devido à ignorância. Desprezados e ignorados ao longo dos anos, desfizeram-se em pó, transformados em comida para as traças dos livros, mas não para a mente. O trabalho de Demócrito, um dos maiores filósofos gregos e o pai da teoria atômica, perdeu-se por completo. Apenas um por cento da literatura latina sobreviveu ao passar dos séculos. Noventa e nove por cento perdeu-se. É possível alcançar muito utilizando as rombas armas da indiferença e da pura estupidez.

Os ataques violentos deste período não estavam reservados a fanáticos e excêntricos. Os ataques contra os monumentos dos pagãos «loucos», «malditos» e «insanos» eram encorajados e liderados por homens que se moviam no coração da Igreja Católica.¹³ Até o grande Santo Agostinho declarou a uma congregação em Cartago que «toda a superstição de pagãos e ateus seja aniquilada é o que Deus quer, o que Deus ordena, o que Deus proclama!»¹⁴ São Martinho, que continua a ser um dos mais populares santos franceses, percorreu a Gália rural arrasando templos e consternando os habitantes locais à sua passagem. No Egito, São Teófilo arrasou um dos mais belos edifícios do mundo antigo. Em Itália, São Benedito derrubou um altar a Apolo. Na Síria, bandos implacáveis de monges aterrorizaram o campo, derrubando estátuas e arrancando os telhados aos templos.

Os ataques não se ficaram pela cultura. Tudo, desde a comida que se colocava no prato (que devia ser simples e não podia utilizar especiarias)

¹² Greenblatt (2011), 43–4.

¹³ Acerca do paganismo como insanidade, doença, etc., ver C. Th., 16.10.1–21 e C. Just., 1.11.10.

¹⁴ Santo Agostinho, Sermão 24.6, citado em MacMullen (1984), 95.

até ao que cada um fazia na cama (que também se devia manter simples e sem picante), começou, pela primeira vez, a recair sob o controlo da religião. A homossexualidade masculina foi proibida; a remoção do cabelo era desprezada, bem como a maquilhagem, a música, as danças sugestivas, os alimentos ricos, os lençóis púrpura, as roupas de seda... A lista continua.

Alcançá-lo não era tarefa fácil. Ainda que o Deus omnisciente não tivesse qualquer dificuldade em ver os corações dos homens, bem como o interior das suas casas, os sacerdotes cristãos tinham alguma dificuldade em fazer o mesmo. No entanto, foi descoberta uma solução: São João Crisóstomo encorajava os membros das suas congregações a espiarem-se uns aos outros. Entrem nas casas uns dos outros, dizia. Intrometam-se nos negócios uns dos outros. Evitem os que não forem cumpridores. Deviam informá-lo de todos os pecadores e ele castigá-los-ia em conformidade. E, se não informassem acerca dos vizinhos, também eles seriam castigados. «Tal como os caçadores perseguem os animais selvagens [...] não numa direção, mas de todo o lado, e os lançam para a rede, persigamos também juntos aqueles que se tornaram animais selvagens e lancemo-los para a rede da salvação, nós a partir deste lado e vocês desse.»¹⁵ Os cristãos fervorosos entravam nas casas das pessoas e procuravam livros, estátuas e quadros considerados demoníacos. Este tipo de atenção obsessiva não era crueldade. Pelo contrário: reprimir, atacar, forçar, até espancar um pecador — caso isso o conduzisse ao caminho da retidão — era salvá-lo. Nas palavras de Santo Agostinho, o mestre do paradoxo da piedade: «Oh, violência misericordiosa.»¹⁶

Os resultados de tudo isto foram chocantes e, para os não-cristãos, aterrorizantes. Os habitantes das cidades acorriam a assistir enquanto templos internacionalmente famosos eram destruídos. Os intelectuais fitavam, em desespero, enquanto volumes de livros supostamente anticristãos — muitas vezes, na realidade, textos das artes liberais — eram consumidos pelas chamas. Os amantes da arte observavam, horrorizados, enquanto algumas das maiores esculturas do mundo antigo eram derrubadas por pessoas demasiado estúpidas para as apreciarem — e sem dúvida demasiado estúpidas para as recriarem. Muitas vezes, os cristãos não eram sequer capazes de destruir de modo eficaz: muitas estátuas, em muitos templos, foram salvas pelo simples facto de estarem demasiado altas para serem alcançadas com as suas escadas e martelos rudimentares.

...

¹⁵ *AGT*.

¹⁶ Santo Agostinho, Sermão 279.4, citado em Shaw (2011), 682.

Tinha, originalmente, concebido este livro como um livro de viagens: seria interessante, pensei, seguir Damásio enquanto ele zigzagueava pelo Mediterrâneo — um São Paulo pagão. Síria, Damasco, Bagdade, partes do Egito e a fronteira sul da Turquia, locais que visitou, não eram de modo algum fáceis de alcançar, mas eram, ainda assim, alcançáveis. No entanto, no período entre o surgimento dessa ideia e a escrita do livro, tais viagens tornaram-se impossíveis de realizar.

Desde então, e enquanto escrevo, a guerra civil síria deixou partes do país sob controlo do novo califado islâmico. Em 2014, em determinadas áreas da Síria, a música foi proibida e os livros foram queimados. O Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico emitiu avisos contra as viagens ao norte da Península do Sinai. Em 2015, militantes do estado islâmico começaram a arrasar com buldózers a antiga cidade assíria de Nimrud, imediatamente a sul de Mossul, no Iraque, por ser «idólatra». As imagens de militantes islâmicos a derrubarem, dos seus plintos, estátuas com cerca de três milénios e a destruírem-nas com martelos correram o mundo. Os «falsos ídolos» têm de ser destruídos. Em Palmira, o que restava da estátua de Atena, e que fora cuidadosamente reparado pelos arqueólogos, foi de novo atacado. Uma vez mais, Atena foi decapitada; uma vez mais, o seu braço foi arrancado.

A viagem que eu imaginara tornou-se impossível. Como tal, este livro transformou-se numa espécie de livro de viagens histórico. Viaja pelo Império Romano, parando em determinados locais e em determinados períodos relevantes. Como em qualquer livro de viagens, cada um dos locais em que me concentrei representa uma escolha pessoal e, nesse sentido, discutível. Escolhi Palmira como ponto de partida, dado que foi no leste do império, em meados dos anos 80 do século IV, que a violência contra os deuses antigos e os seus templos assumiu dimensões bem mais sérias. Mas poderia ter escolhido um ataque anterior ou posterior a um outro templo. É por isso que se trata de *um* começo e não *do* começo. Escolhi Atenas por volta de 529 d.C. como um fim — mas, uma vez mais, podia ter escolhido uma cidade mais a leste cujos habitantes, tendo recusado converter-se ao Cristianismo, foram massacrados, os seus braços e pernas decepados e pendurados nas ruas como aviso aos outros.

Este é um livro acerca da destruição cristã do mundo clássico. O ataque cristão não foi caso único — o fogo, as cheias, as invasões e o passar do tempo desempenharam o seu papel — mas este livro concentra-se, em especial, no ataque do Cristianismo. Tal não significa que a Igreja não tenha

igualmente preservado coisas: preservou. Mas a história das boas obras do Cristianismo durante este período foi contada uma e outra vez; esses livros proliferam nas bibliotecas e livrarias. A história e o sofrimento daqueles a quem o Cristianismo derrotou, não. Este livro concentra-se neles.

A área abrangida é vasta e, como tal, esta é uma história fragmentária, que salta através da geografia e do tempo. Não peço desculpas por isso. O período abrangido é demasiado longo para que me mova de forma linear pelo passado e a narrativa resultante seria, simplesmente, entediante. Esta é, também, uma história narrativa: tentei conferir-lhe uma ideia do que seria erguer-se perante um templo antigo, do cheiro que se sentiria ao entrar num; do quão agradável seria a luz da tarde a penetrar por entre o vapor dos antigos banhos públicos. Uma vez mais, é algo por que não peço desculpas. Esta abordagem tem os seus problemas — quem poderá saber realmente qual o cheiro de um templo antigo sem o ter visitado? Mas não recriar o mundo é uma inverdade de outro tipo: os antigos não se moviam através de um mundo delineado apenas por períodos históricos limpos e datas de batalhas. Viviam num mundo em que o fumo dos sacrifícios enchia as ruas nos dias festivos; em que as pessoas defecavam atrás das estátuas no centro de Roma; em que a luz brilhava nos corpos nus, molhados, das jovens «ninfas» dos teatros. Tanto as datas quanto os corpos são essenciais à compreensão das pessoas deste período.

Qualquer tentativa de escrever acerca da história antiga está pejada de dificuldades. Hilary Mantel disse, certa vez, que «a história não é o passado [...] É o que resta na peneira depois de os séculos por ela terem passado». O final da Antiguidade deixa ainda menos na peneira do que a maioria dos períodos. O pouco que resta é, como tal, acaloradamente contestado, e parte tem sido alvo de discussões eruditas que se estendem pelos séculos. Algo tão simples quanto um édito pode atrair anos de desacordo entre os que o consideram seminal e os que o relegam para o estatuto de uma mera letra. Assinalei em nota de rodapé a maior parte das controvérsias mais significativas, mas não todas: teria sido impossível — já para não dizer que tornaria a obra ilegível.

O que resta — seja ou não objeto de querelas — deveria se tratado com cautela. Como acontece com toda a história, os autores que cito tinham pontos de vista limitados e as suas próprias agendas. Quando São Crisóstomo se gabou por os escritos dos gregos terem sido completamente destruídos, dava voz a uma esperança, mais do que afirmava um facto. Quando o biógrafo de São Martinho escreveu alegremente acerca de como

este incendiara violentamente e demolira templos por toda a Gália, o seu objetivo não era tanto relatar quanto inspirar. Propaganda, chamaríamos hoje a tais escritos. Tudo o que dizem estes autores é discutível, todos os escritores que cito são falíveis. Eram, em suma, humanos — e devemos lê-los com cautela. Ainda assim, devemos lê-los, pois as suas histórias merecem ser contadas.

A minha narrativa começa no Egito, com o nascimento do monasticismo, segue depois para Roma, à medida que esta nova religião começa a aparecer por lá. Depois viaja até ao norte da Turquia, à Bitínia, onde foi escrito o primeiro registo dos cristãos por um não-cristão. Regressa a Alexandria, no Egito, onde decorreram as piores profanações; e penetra nos desertos da Síria, onde residiram alguns dos mais estranhos intervenientes da sua história: monges que, por amor a Deus, viveram toda a sua vida no cimo de pilares, ou em árvores ou em jaulas. E viaja, no final, para Atenas, a cidade onde a filosofia ocidental terá, de facto, começado, e onde, em 529 d.C., terminou.

A destruição narrada neste livro é imensa — e, no entanto, foi quase esquecida pelo mundo moderno. Um dos historiadores mais influentes da Igreja descreveria o momento em que o Cristianismo assumiu o controlo como o momento em que toda a opressão cessou, um período em que os «homens que outrora não se atreviam a erguer o rosto se podiam saudar com rostos sorridentes e olhos brilhantes».¹⁷ Mais tarde, os historiadores uniram-se num coro de concordância. Porque não ficariam os romanos felizes por se converterem? Eram, de acordo com esta argumentação, pessoas sensatas e nunca tinham acreditado realmente na sua própria religião com os seus Júpiteres priápicos e indignos e as suas Vénus libidinosas. Não, prossegue a argumentação: os romanos eram cristãos em potência, prontos e dispostos a abdicarem dos seus rituais politeístas absurdos e confusos, mal surgisse em cena uma religião sensata (leia-se, «monoteísta»). Como diria Samuel Johnson, sempre tão piedoso: «Os ateus eram fáceis de converter, porque não tinham nada de que abdicar.»¹⁸

Estava enganado. Muitos foram aqueles que se converteram alegremente ao Cristianismo, é verdade. Mas muitos não o fizeram. Muitos romanos e gregos não sorriam enquanto se viam privados das suas liberdades religiosas, os seus livros queimados, os seus templos destruídos e as estátuas

¹⁷ Eusébio, *The History of the Church from Christ to Constantine*, 10.9.7.

¹⁸ Johnson, 15 abril 1778, citado em MacMullen (1997), 169 n. 37, a quem devo este parágrafo.

antigas desfeitas por brutamontes armados com martelos. Este livro conta a sua história; é um livro que chora, sem vergonha, a maior destruição da arte a que a história humana alguma vez assistiu. É um livro acerca das tragédias por detrás do «triunfo» do Cristianismo.

Uma nota acerca do vocabulário: tentei evitar a utilização da palavra «págão» ao longo da obra, exceto quando se tratava de transmitir os pensamentos ou necessidades de um protagonista cristão. Tratava-se de um termo pejorativo e insultuoso, e nenhum não-cristão da altura o utilizaria de bom grado para se qualificar a si mesmo. Foi igualmente uma inovação cristã: antes da ascendência do Cristianismo, poucas pessoas se teriam descrito através da sua religião. Depois do Cristianismo, o mundo dividiu-se, para sempre, ao longo de fronteiras religiosas; e surgiram palavras para demarcar essas divisões. Uma das mais comuns era «págão». Inicialmente a palavra fora usada para identificar um civil por oposição a um soldado. Com o advento do Cristianismo, os soldados em causa deixaram de ser os legionários romanos, mas aqueles que se haviam alistado no exército de Cristo. Mais tarde, os escritores cristãos criaram etimologias falsas e pouco lisonjeiras para a palavra: disseram que estaria relacionada com a palavra *pagus*, com os «camponeses» e o campo. Não estava; contudo estas calúnias pegaram e o «paganismo» adquiriu um toque pouco apelativo a rústico e atrasado — uma mancha que o acompanha até aos dias de hoje.

Evitei, em geral, sempre que possível, atribuir nacionalidades modernas a personagens antigas e, em vez disso, recorri, para as descrever, à língua em que mais escreveram. Como tal, o orador Libânio, embora tenha nascido e vivido na Síria, é descrito não como «sírio», mas como grego. Tratava-se de um mundo cosmopolita onde todos, de Alexandria a Atenas, se poderiam considerar «Hellenes» — gregos —, algo que tentei integrar no texto.

Utilizei, por vezes, com o mero intuito de facilitar a leitura, a palavra «religião» para indicar o vasto espectro de cultos adorados pela sociedade greco-romana antes da introdução do Cristianismo. Esta palavra tem os seus problemas — nomeadamente o facto de implicar uma estrutura mais centralizada e coerente do que aquela que, na prática, existia. É, no entanto, mais elegante do que muitas das alternativas mais pesadas.

Uma última nota: muitas, muitas pessoas boas foram impelidas pela sua fé cristã a fazer muitas, muitas coisas boas. Eu sei, porque quase todos

os dias recebo essa mesma bondade. Este livro não pretende atacar essas pessoas e espero que não seja visto como tal. Mas é inegável que houve — e ainda há — quem use o monoteísmo e as suas armas para fins terríveis. O Cristianismo é uma religião maior e mais forte quando o admite — e o desafia.